

# A Revolução Sandinista

*Gabriela Ruchel de Lima*  
*Maria José Ahumada\**

**RESUMO:** O movimento sandinista na Nicarágua pôs fim às lutas populares contra sucessivas e violentas ditaduras que compuseram o cenário da América Central ao longo do século XX. A trajetória teve início com a resistência dos combatentes liderados por Augusto César Sandino, no final da década de 1920. O presente artigo divide-se, então, em cinco partes principais: a primeira tem por intuito a contextualização do cenário nicaraguense antes da revolução; a segunda corresponde às décadas seguintes, após o assassinato de Sandino e a instauração da dinastia Somoza; à terceira parte cabe explicar como, mesmo após sua morte, a luta de Sandino serviu de inspiração para o surgimento de um amplo movimento de oposição, a Frente Sandinista de Libertação Nacional. A quarta e a quinta parte abordam, respectivamente, a Revolução Sandinista em si – e como, em 1979, após anos de confrontos, o movimento sandinista derrotou o regime ditatorial – e o seu legado, desde a trajetória histórica do movimento até o seu triunfo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nicarágua; Revolução Sandinista; Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN); Dinastia Somoza.

---

\* Graduandas em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## 1 Introdução

Dentre as diversas experiências revolucionárias e golpes de Estado que permearam o continente americano após a Segunda Guerra Mundial, destaca-se a Revolução Sandinista e a sua relevância para a América Central e o contexto histórico de ditaduras pelo qual passariam alguns países. Depois de seu processo de independência, a Nicarágua, assim como outras nações americanas, teve seu Estado controlado por elites intimamente ligadas ao interesse do capital internacional.

A grande maioria da população assistiu a um violento processo de empobrecimento da nação a favor de interesses das potências capitalistas, principalmente dos Estados Unidos. A desigualdade e a dependência causaram uma situação de caos que culminou na crise deflagrada durante o governo de José Santos Zelaya (1853 – 1919). A partir de então, os Estados Unidos – no claro intuito de preservar seus interesses econômicos – resolveu intervir diretamente nas questões do estado nicaraguense, onde os presidentes instalados no governo recorriam à ajuda militar dos Estados Unidos a fim de evitar ou de silenciar os levantes de guerrilheiros contrários à situação submissa da nação.

Este trabalho versa sobre os antecedentes da Revolução Sandinista, bem como a formação e o desenrolar da ditadura de Somoza. Posteriormente, perpassa a formação da Frente Sandinista de Libertação Nacional, oposição ferrenha ao governo ditatorial com raízes remanescentes no movimento sandinista iniciado por Augusto César Sandino.

## 2 Antecedentes

Atualmente o maior país da América Central continental, com cerca de 5,6 milhões de habitantes, a Nicarágua foi, inicialmente, uma colônia hispânica, de economia essencialmente agroexportadora – voltada sobretudo ao café – e que passou por um breve surto minerador (FERNANDÉZ, 2013).

Por volta do século XIX, vivenciando as diversas transformações que atingiam o ambiente colonial hispânico, os nicaraguenses engendraram o seu processo de independência, e atingiram sua autonomia em 1821, sendo o país inicialmente

conglomerado ao território das Províncias Unidas da América Central. A disputa entre liberais e conservadores transformou a Nicarágua em um exemplo de fragilidade no que se refere às instituições políticas concebidas após os processos de independência da América Colonial. Entre 1855 e 1857, o desgaste provocado pelos vários conflitos civis permitiu que William Walker, aventureiro estadunidense, comandasse saques, confiscos de terras, além de tentativas de estabelecer a escravidão. Walker declarou-se presidente da Nicarágua após a realização de uma eleição não contestada e tomou posse em 12 de julho de 1856, lançando em seguida um programa de americanização, o qual declarava o inglês como língua oficial, além de promover uma reorganização da moeda e da política fiscal para incentivar a imigração oriunda dos Estados Unidos. Com isso, as disputas políticas continuaram e foram marcadas por intervenções políticas britânicas e norte-americanas (FIGUEROA, 2005).

Em maio de 1857, Walker se entregou ao comandante da marinha norte-americana e foi repatriado; contudo, retornou à Nicarágua tempos depois e, entregue posteriormente às autoridades de Honduras, foi fuzilado em 1860, marcando o que seria o primeiro passo para a libertação nacional. Depois de três décadas de uma ditadura oligárquica, teve início a Revolta Liberal de José Santos Zelaya, em que liberais nicaraguenses conseguiram chegar ao poder com a proposta de modernizar as práticas e as instituições políticas do país. Em 1897, durante o governo de José Santos Zelaya, uma nova constituição foi assinada com o intuito de superar os entraves que impediam a superação dos problemas nacionais. Sentindo-se ameaçados com essa situação, os Estados Unidos intervieram no país, passando a controlar as ferrovias, o Banco Central e a alfândega (FIGUEROA, 2005).

Esta intervenção estadunidense direta incitou uma revolução popular contra Adolfo Díaz, candidato apoiado pelos Estados Unidos para ocupar o posto presidencial. Emiliano Chamorro, militar e político nicaraguense opositor ao governo de Zelaya, ajuda a conter a revolta contra Adolfo Díaz, recebendo, como recompensa por sua contribuição, a nomeação de ministro plenipotenciário nos Estados Unidos. No exercício de seu cargo, assinou em 1914 o Tratado Bryan-Chamorro, pelo qual se concedia aos Estados Unidos o direito perpétuo para construir um canal que uniria o Mar das Caraíbas ao Oceano Pacífico através da Nicarágua. Em 1917, foi

eleito presidente da República e até a década de 1920 os vários incidentes políticos da Nicarágua seriam acompanhados de perto pelas autoridades políticas norte-americanas. Quando julgavam necessário, tropas de mariners eram enviadas pelos Estados Unidos para anular o resultado de uma eleição e para legitimar a ascensão de um líder comprometido com seus interesses econômicos (FERNANDÉZ, 2013).

Nesse período, um movimento guerrilheiro liderado por Juan Bautista Sacasa, José María Moncada e Augusto César Sandino toma forma, ao percebera forte intervenção militar norte-americana nos países do Caribe, o que acaba por gerar um sentimento nacionalista e anti-estadunidense a fim de combater a ação estrangeira em seu país. Em 1932, a Nicarágua passa por eleições tidas como cruciais e aceitas por Sandino em troca da retirada das tropas norte-americanas, o que efetivamente acontece. Entretanto, quando os Estados Unidos deixam a Nicarágua, coexistem três forças de poder: a Guarda Nacional, que surge como um organismo de poder diretamente ligado aos Estados Unidos e dirigida por Anastasio Somoza García; o presidente eleito, Juan Bautista Sacasa (tio de Somoza); e as forças sandinistas (FIGUEROA, 2005).

Tendo o controle do Congresso e sendo a Guarda Nacional encarregada do processo eleitoral, Somoza obteve a presidência por meio de um golpe governamental. Inicia-se, então, uma guerra de extermínio contra as forças sandinistas, e Augusto Sandino é assassinado. A partir desse momento, entre os anos de 1936 e 1978 Somoza se preservou no poder por meio da ação política direta ou por meio de parentes visivelmente atrelados à sua influência. Essa verdadeira “dinastia política” se conservou no poder graças ao controle da Guarda Nacional e à utilização de diversos instrumentos de natureza autoritária. Tal situação só se modificaria quarenta e três anos mais tarde, com o triunfo da Revolução Sandinista (FIGUEROA, 2005).

### **3 Estado Somozista (1939-1979)**

O regime ditatorial criado pela dinastia Somoza na Nicarágua estabeleceu um mandato com características particulares. Dentre tais características está a presença de um governo pessoal, a existência de elites políticas que diferiam das elites socioeconômicas tradicionais, a dominação pessoal das forças armadas, a

corrupção como prática institucional e o uso da coerção e da repressão contra as forças opositoras (MARTÍ I PUIG, 2012).

A Guarda Nacional, uma das heranças deixadas pela intervenção estadunidense na Nicarágua, foi uma instituição com conexões diretas com os Estados Unidos. É importante destacar o papel que a Guarda Nacional tinha no sistema de governo dos Somoza, uma vez que detinha o controle da imigração, da alfândega, do setor de comunicações, assim como da tributação. Seguindo o objetivo de se estabelecer um regime autoritário, modificou-se a constituição para transformar o poder em hereditário e assegurar, assim, o prolongamento do mandato dos Somoza. Tacho Somoza, como era chamado, normalizou as relações com os EUA e decidiu estreitar os laços com a administração de Franklin Roosevelt; dessa aproximação teria surgido a célebre frase do presidente estadunidense. “Somoza poderá ser um bastardo, mas é nosso bastardo” (PEREIRA, 2013).

Uma das características principais do governo estabelecido por Somoza García foi a acumulação desmedida de dinheiro. Essa se deu, a princípio, por meio de expropriações de plantações de café e de concessões às empresas estadunidenses com o objetivo de explorar matérias como ouro e borracha. Sua fortuna aumentou consideravelmente e pouco a pouco a família Somoza se converteu em detentora dos maiores monopólios do país. Tacho Somoza era então o homem mais rico da Nicarágua e os negócios que lhe pertenciam encontravam-se ligados a atividades ilegais, tais como o contrabando, a prostituição, dentre outros. Enquanto o ditador convertia-se no homem mais rico do país, o povo encontrava-se cada vez mais submerso pela pobreza. A população nicaraguense tinha, à época, um alto nível de analfabetismo e um péssimo sistema de saúde.

A Nicarágua era, tanto política quanto economicamente, bastante relevante para os Estados Unidos, tendo em vista que o país era utilizado como centro para a realização de intervenções na América Latina. Dentre elas podem ser citadas a Guatemala (1954), Cuba (1961), com o fracasso da Baía de Porcos— dada a resistência das tropas revolucionárias cubanas —, e a República Dominicana (1965).

Em 1956 deu-se o primeiro golpe ao regime dos Somoza, que teve seu líder assassinado por um jovem nicaraguense. Ao ter estabelecido o poder hereditário na constituição, um dos filhos do Somoza tomou seu lugar no poder. Desse modo, a

dinastia ditatorial somozista continuava, agora em mãos de Luis Somoza Debayle na presidência e de Tacho Somoza Debayle na Guarda Nacional. O contexto do triunfo da Revolução Cubana e da realidade de pobreza vivenciada pela maioria da população nicaraguense às custas do enriquecimento ilícito de seus dirigentes, foram os pilares para o surgimento, posteriormente, da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) (MARTÍ I PUIG, 2012).

#### **4 A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN)**

Fundada oficialmente em Honduras no ano de 1961 por Carlos Fonseca Amador, Tomás Borge Martínez e Silvio Mayorga, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) foi um partido político nicaraguense que contava, em sua formação, com parte da população rural, estudantes e dissidentes do Partido Socialista da Nicarágua e do Partido Conservador. Nomeado como uma homenagem a Augusto César Sandino, líder da resistência contra a ocupação estadunidense na década de 1930, o partido caracterizava-se por uma estratégia armada de caráter rural, aproximando-se das cidades com o decorrer do tempo.

A partir de 1969, a FSLN definiu-se como uma organização político-militar com perfil anti-imperialista, tendo como método de ação a guerra popular com o objetivo de derrubar a ditadura de Anastasio Somoza (FERNANDEZ, 2013). Apenas Borge viveu o suficiente para ver a chegada dos Sandinistas ao poder; no início da década de 1970, a FSLN lançava iniciativas militares limitadas e fracassou no começo da luta devido à falta de experiência militar. O objetivo, contudo, foi atingido dez anos depois, em 1979, e estabeleceu um governo revolucionário, que os sandinistas comandaram primeiramente como parte de uma Junta de Reconstrução Nacional, tendo exclusividade apenas a partir de março de 1981.

Alvos de uma forte campanha liderada pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, desde o início da década de 1980, os sandinistas passaram a sofrer forte oposição dos chamados “Contras”, grupo guerrilheiro de direita recrutado pelo Guarda Nacional somozista e financiado pelo governo americano. Em 1984, foram realizadas eleições livres e o líder sandinista Daniel Ortega foi eleito com 60% dos votos; entretanto, os opositores conquistaram quase um terço dos assentos no parlamento. Enquanto isso, os esquadrões da morte dos Contras, financiados

pela CIA, intensificaram suas atividades com o intuito de desestabilizar o governo sandinista eleito. Em 1990, após anos de resistência aos Contras, a FSLN perdeu as eleições para Violeta Barrios de Chamorro após reformar a constituição em 1987. Contudo, conseguiu manter um número significativo de assentos no parlamento. Ainda hoje a FSLN é um dos dois maiores partidos políticos da Nicarágua, ao lado do Partido Liberal Constitucionalista.

Em 2006, Ortega reelegeu-se presidente da República da Nicarágua com 38% dos votos. O processo eleitoral foi bastante elogiado, inclusive pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, que – juntamente com Alejandro Toledo, ex-presidente do Peru, e Nicolas Ardito, ex-presidente do Panamá – integrou uma comissão de observadores internacionais. Apesar dos elogios quanto à transparência do processo eleitoral, membros da oposição não queriam reconhecer a eleição de Daniel Ortega e pediram que se recontassem os votos minuciosamente (FIGUEROA, 2005).

Ortega finalmente assumiu a presidência do país, declarando seu compromisso em eliminar a pobreza da Nicarágua estimulando o investimento privado a fim de gerar mais empregos. Declarou-se, ainda, disposto a manter um relacionamento amigável com os EUA, ciente dos custos de um eventual confronto com aquele país – tal como o embargo econômico imposto à Nicarágua em 1980, que arruinou a ambição sandinista de obter progressos na educação e na saúde. Em 2011, segundo dados oficiais do Conselho Supremo Eleitoral (CSE), Daniel Ortega foi reeleito com 62,46% do total de votantes (FIGUEROA, 2005).

## **5 A Revolução Sandinista (1979 - 1990)**

A ditadura de Anastasio Somoza encontrava-se em evidente decadência, ocasionada, por um lado, pela insatisfação das elites tradicionais econômicas e, por outro, pelos movimentos revolucionários formados pelo povo nicaraguense, principalmente pela Frente Sandinista de Libertação Nacional. As elites econômicas nicaraguenses mostraram seu descontentamento com o regime somozista, uma vez que seus interesses comerciais eram prejudicados, visto que Somoza e seu círculo mais próximo detinham o controle das principais atividades econômicas em

aliança com o capital estrangeiro. O povo nicaraguense foi a esfera mais afetada, dado que o país atravessava uma crise econômica e social de grande envergadura, evidenciada pelo alto nível de pobreza e de analfabetismo dominante entre a população (FERNANDÉZ,2013).

Desse modo, em meio ao descontentamento generalizado de cidadãos dos mais diversos setores dá-se o declínio definitivo da ditadura. O estopim para o fim do regime dos Somoza foi o terremoto que afetou Manágua, em dezembro de 1972. Esse desastre natural afetou o país de forma avassaladora, visto que pelo menos 70% dos prédios da capital ruíram e uma grande porcentagem da população foi atingida. O terremoto atraiu os olhos do mundo para o país e foi oferecida ajuda internacional para a reconstrução, fato que foi visto como uma oportunidade, pela família Somoza, para um maior enriquecimento, ao mesmo tempo em que poderiam recuperar o poder enfraquecido. Tendo em consideração os objetivos dos Somoza, Anastasio nomeou-se presidente do Comitê Nacional de Emergência; desse modo, os Somoza puderam tirar proveito da situação, comercializando as doações recebidas, realizando especulação financeira e obtendo créditos altos e contratos fraudulentos para a restauração do país (FERNANDÉZ,2013).

Se fez evidente, no âmbito internacional, a corrupção e as desigualdades sociais nas quais estava submergida a Nicarágua. Como se não bastasse, outro fator determinante para a queda de Anastasio Somoza foi a tensão política que culminou no assassinato de Pedro Joaquín Chamorro, em janeiro de 1978. Chamorro era um conhecido jornalista de oposição e pertencia à elite tradicional nicaraguense; assim, o crime exacerbou os ânimos e acelerou o processo de insurreição. Nesse contexto, quanto mais se debilitava o regime dos Somoza, maior poder passava a adquirir a Frente Sandinista de Libertação Nacional. No decorrer de 1978, a FSLN organizava insurreições, tanto rurais quanto urbanas, que minjavam o já escasso poder somozista.

Um ato mais notável que debilitou ainda mais o regime foi a tomada do Palácio Nacional por 25 homens da FSLN pertencentes à chamada tendência terceirista, em agosto de 1978. Foram tomados reféns os membros da Assembleia Legislativa, liberados apenas mediante pagamento prévio do resgate, feito por Somoza. Tal ação fez com que os EUA percebessem que não se tratava mais de



um assunto de competência da administração de Carter, pois, dada a repressão exercida pela Guarda Nacional, passava dos limites do marco da política de Direitos Humanos. Propunham, assim, propusessem a intermediação da Organização dos Estados Americanos (OEA), que nunca foi levada a cabo (MARTÍ I PUIG, 2012).

A reta final da ditadura somozista chega com a ofensiva armada proposta pela FSLN em todas as frentes de guerra. Em junho de 1979, dá-se a convocação à uma insurreição generalizada. No 17 de julho de 1979, a revolução sandinista toma o poder da Nicarágua e o ditador Anastasio Somoza foge para os Estados Unidos – para posteriormente fixar sua residência no Paraguai, onde imperava a ditadura de Alfredo Stroessner.

Com o triunfo da revolução sandinista se instaura a Junta de Governo de Reconstrução Nacional (JGRN), composta por membros de diversos setores sociais, dentre os quais se destacam Daniel Ortega, da FSLN, e Violeta Chamorro – viúva de Pedro Joaquín Chamorro – como membro independente. Assim, foi estabelecido um regime democrático com uma economia mista – fato relevante, pois a revolução contou com apoio tanto dos estratos sociais mais baixos como das elites econômicas tradicionais, que queriam garantir seus interesses comerciais. Do mesmo modo, o governo adotou uma política de não alinhamento e de autodeterminação (FERNANDÉZ, 2012).

A curta duração da revolução, de 1979 a 1990, é explicada, por um lado, pelas diversas vertentes formadoras da FSLN, pois, ao chegar ao poder, as diferenças foram se acirrando, o que gerou uma ruptura. Por outro lado, como foi mencionado anteriormente, ao formar uma aliança com setores privilegiados, o governo viu-se limitado a estabelecer as medidas necessárias para a manutenção do regime e não conseguiu implementar políticas de caráter mais socialista, para evitar afetar os interesses das elites. Desse modo, o fator de maior relevância para o desaparecimento da revolução foi a contrarrevolução, na qual se uniram setores da oposição, como os indígenas miskitos que, financiados pelos Estados Unidos, iniciaram uma guerra sangrenta que afetou substancialmente o regime sandinista.

A revolução sandinista contou com um amplo apoio do bloco socialista, especialmente da República Cubana, que forneceu um grande suporte em diversos âmbitos – tais como militar, político, educacional e de saúde. Essa contribuição

foi de vital importância para resistir aos ataques exercidos pelos Contra. Assim, é válido ressaltar o papel de grande parte das repúblicas latino-americanas ao formar o Grupo da Contadora, como um meio de apoio ao fim da agressão contra Nicarágua (PEREIRA, 2013 apud VISENTINI, 2013).

A revolução chega ao fim com o triunfo, nas eleições de 1990, da União Nacional Opositora, coalização liderada por Violeta Chamorro que reunia grupos de extrema direita e conservadores que contavam com o apoio dos EUA. Deve-se levar em consideração, contudo, que o triunfo não demonstrava uma atitude contrária ao regime sandinista, mas refletia o desejo da população de pôr fim à guerra contínua entre sandinistas e Contras.

## **6 Legado e Considerações Finais**

Comemorando seu 37º aniversário em 2016, a revolução Sandinista pôs fim, em 1979, a uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina. O movimento contribuiu para o desaparecimento de um poder regional somozista que possuía forte ingerência em outras ditaduras da América Central, além de pôr em evidência as crises pelas quais passavam tais ditaduras (FIGUEROA, 2005). De acordo com Figueroa (2005), a Revolução Sandinista expressou que a causa profunda da maré revolucionária regional foi o esgotamento e a saturação de uma forma de governo – a ditadura militar –, atrelado ao esgotamento de uma forma de acumulação – o latifúndio agroexportador (FIGUEROA, 2005).

O voto do povo nicaraguense, em 1990, não foi, portanto, uma manifestação diretamente contra a Frente Sandinista de Libertação Nacional, mas contra a continuidade de uma guerra demasiadamente violenta entre os sandinistas e sua oposição. Mesmo que o socialismo não tenha sido devidamente implementado na Nicarágua, a Revolução e o triunfo sandinista marcaram a transição de uma ditadura corrupta e sanguinária para a instauração de um regime democrático, com políticas sociais e de gênero, havendo uma incorporação massiva de mulheres ao ensino fundamental e médio. Além disso, a revolução inseriu na sociedade um senso de democracia e de justiça social, criou instituições duradouras, modificando não

só o exército como também a polícia, a propriedade de terras rurais e as políticas sociais, a exemplo da campanha nacional de alfabetização.

## The Sandinist Revolution

**ABSTRACT:** The Sandinist movement in Nicaragua was the end of popular struggles against successive and violent dictatorships that made up Central American. Its trajectory began with the resistance of the combatants led by Augusto César Sandino, in the end of 1920s. This article is divided, then, in five main parts. The first one is intended to contextualize the Nicaraguan scenario before the revolution; the second discusses the following decades, after César Sandino's death and the establishment of the Somoza dynasty; the third part explains how, even after his death, Sandino's struggle served as inspiration for the uprising by an opposition movement, the Sandinist National Liberation Front. The fourth and the fifth parts deal, respectively, with the Sandinist Revolution itself - and how, in 1979, after years of confrontation, the Sandinist movement defeated the dictatorial regime - and its legacy, from a historical trajectory of the movement to its triumph.

**KEYWORDS:** Nicaragua; Sandinist Revolution; Sandinist National Liberation Front (SNLF); Somoza dynasty

## Referências

CLOSE, David. **Nicaragua: politics, economics and society**. London/New York: Pinter Publishers, 1988.

FERNÁNDEZ, Paula. La revolución cambió el país de forma definitiva: historia oral a través de cuatro comandantes de la Revolución Sandinista. **Conflicto Social**. Buenos Aires, v.6, n.9, p.66-92, jan./jun. 2013.

FIGUEROA, Carlos. La revolución sandinista y los contratiempos de la utopía en Centroamérica. **Bajo el Volcán**. Puebla, v.5, n.9 ,p. 67-85, 2005.

GUERRA, Sergio. Las revoluciones latinoamericanas del siglo XX desde la perspectiva de la historia comparada. **Revista Brasileira de Estudos Latino-americanos (REBELA)**. Florianópolis, v. 4, n. 2, mai./ago. 2014.

MARTÍ I PUIG, Salvador. **Nicaragua (1979-1990): La revolución enredada**. Salamanca: Salvador Martí i Puig, 2012.

SALAZAR, Robinson. **La revolución sandinista en Nicaragua**. Revoluciones. Ciudad de México, n. 617, nov. 2002.

VISENTINI, Paulo et al. **Revoluções e regimes marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional**. Porto Alegre: Leitura XXI/Nerint/UFRGS, 2013.